

Sobre uma psicanálise atenta ao seu tempo¹

Denise Costa Hausen²

Margarida Viñas Ribeiro Lima³

Vanessa Silva⁴

RESUMO

Este trabalho foi produzido a partir de reflexões sobre a amplitude do atuar psicanalítico. Partindo da transitoriedade, que faz com que movimentos constantes renovem nossos fazeres, buscou-se olhar o lugar social ocupado pela psicanálise, tendo como objetivo tensionar possibilidades, ampliando esse ofício para além dos consultórios. Nesse trajeto, a partir de um projeto em execução em uma Escola na zona sul de Porto Alegre, buscou-se pensar nas implicações teóricas e práticas dessa ação.

Palavras-chave: Psicanálise. Escola. Educação.

“Flectere si nequeo superos acheronta movebo”

*(Virgílio)*⁵

1 Trabalho realizado pelos membros do coletivo Espaçoção, grupo que participa de projetos sociais dentro do Espaço Analítico – Clínica de Psicanálise.

2 Membro Pleno do CEPdePA, fundadora e diretora do Espaço Analítico - Clínica de Psicanálise.

3 Membro Provisório do CEPdePA, membro do corpo clínico do Espaço Analítico – Clínica de Psicanálise.

4 Formanda em Psicologia pela UFSPA, mestranda no programa de Psicologia e Saúde pela UF-CSPA, estagiária em psicologia no Espaço Analítico – Clínica de Psicanálise.

5 A frase latina faz parte do verso 878, do Livro VI de Eneida. Nesse Canto, é narrado o encontro de Eneias com Anquises, seu pai, a quem quis consultar ainda que, para tanto, tivesse que descer aos Infernos, além de ser descrita a fala profética do velho patriarca. O tema da obra de Virgílio é a glorificação de Roma, através da contação de sua história, desde a fundação até o império de Augusto.

Ao refletir sobre a transitoriedade, Freud (1916 [1915]), além de tratar da brevidade do tempo, da beleza do transitório e do destino, observa a dificuldade que muitas vezes temos em substituir o objeto perdido, dando novo destino ao amor (libido) então liberado. Discorre sobre o luto decorrente da perda do objeto amado. Também fala de renovação pela possibilidade de a libido ser novamente reinvestida, quando há a possibilidade de renunciar ao que foi perdido, pois aí “[...] nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda, mais preciosos.” (FREUD, 1916 [1915], p. 319).

Partindo daí, é possível pensar não somente na renúncia a objetos, possibilitando novos investimentos libidinais, mas também no abandono ou na transmutação de práticas e ações que habitualmente tomamos como nossas. Em outras palavras, cabe refletir no quanto hesitamos em modificar-nos, desacomodando nosso fazer habitual.

Em um país e em um tempo em que valores são desapossados de sua importância, ponderar sobre ética e coerência é uma imposição aos psicanalistas. Frente aos vários discursos que nos atravessam cotidianamente, preservar a íntegra da psicanálise tem demandado uma força comparável à necessária para mover o *Acheronta*. As recorrentes tentativas de regulamentação, provindas de grupos pseudorreligiosos, de bancadas evangélicas ou de outros grupos de controle, soam cada vez mais assustadoras. É possível conjecturar que, se encontram eco, isso decorre em muito do fato de que apenas uma parcela limitada da população está sendo assistida pelo saber psicanalítico. Além disso, há muito desconhecimento na sociedade brasileira, de modo geral, do que é a psicanálise, uma vez que somente um pequeno contingente de pessoas têm alguma ideia do que se trata esse ofício. Em realidade, não é exagero afirmar que até os profissionais da área da saúde, mesmo os da área *psi*, imaginam o psicanalista atendendo apenas de modo único e restritivo.

Pergunta-se: como ampliar o número de pessoas que podem ter esse saber à sua disposição? Como fazer a psicanálise circular, mantendo intacta a sua ética? Essas questões acompanham a psicanálise desde sempre. Em 1918, Freud já tentava resolvê-las desejando que “organizações” pudessem tratar uma massa

maior da população. Segundo ele, “[...] a consciência da sociedade despertará, e lembrar-se-á de que o pobre tem exatamente tanto direito a uma assistência à sua mente, quanto o tem, agora, à ajuda oferecida pela cirurgia [...]” (FREUD, 1919 [1918], p. 180). Com efeito, em “Linhas de progresso na terapia psicanalítica”, Freud (1919 [1918], p. 181) estabelece que os tratamentos seriam gratuitos e que também a técnica deveria ser adequada às novas condições, mas, fossem quais fossem os elementos que compusessem esse tratamento, “[...] os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa.”

Há que se dizer que sempre houve psicanalistas e também amantes da psicanálise sensíveis ao que se passa no seu entorno, a exemplo do Dr. Anton Von Freund, que, tentando cumprir o *dever social* – palavras de Freud – de abrir caminho para oferecer tratamento psicanalítico às massas, angariou fundos para abrir um instituto de psicanálise em Budapeste. Nele, a análise “[...] deveria ser praticada, ensinada e tornada acessível ao povo.” (FREUD, 1920, p. 284). Embora a morte prematura de Von Freund tenha posto fim ao seu esquema filantrópico com todas as esperanças científicas que ele abarcava, seu exemplo floresceu: pouco tempo depois, Max Eitingon abriria a primeira clínica ambulatória de psicanálise em Berlim.

Considerada um verdadeiro laboratório de psicanálise, foi, inclusive, na Policlínica de Berlim, que a prática da supervisão passou a ser empregada de forma sistemática. De fato, foi em 1922, no relatório publicado pelo Dr. Max Eitingon, que o termo supervisão apareceu escrito pela primeira vez. Criado para tornar o tratamento analítico acessível a um grande número de pessoas independentemente de sua condição financeira, o Instituto tornou-se também um Centro de Formação em Psicanálise, sendo que ali havia um grupo de ensino dirigido por Abraham (GARRAFA, 2006). Esse modelo proposto por esses primeiros psicanalistas poderia ser referência para os atendimentos atualmente feitos em clínicas-escola, nas instituições de formação, que, pelo seu custo, proporcionam acesso a um maior número de pessoas.

Como se percebe, ampliar os espaços de escuta tem sido uma preocupação constante de psicanalistas compromissados com as questões sociais. No entanto,

nos seus primórdios, as iniciativas, para além das salas de análise, eram restritas e ocorriam sobretudo através de pioneiros que buscavam amparo nos saberes psicanalíticos para criar outras vias de acesso à população. Nesse sentido, estavam com Freud, que já em 1918 dizia que a técnica deveria ser adequada, mantidos certos pressupostos, a fim de poder-se utilizar da psicanálise mais amplamente (FREUD, 1919 [1918]).

Exitosas ou não, essas tentativas esparsas contêm em si algo de profundamente psicanalítico. Afinal, não é a psicanálise um modo de pensar o sujeito à revelia das instituições e dos seus dogmas, ou da condição socioeconômica de cada sujeito?

Desde seu nascimento, a psicanálise suscitou resistências. Nos países latinos, era tratada por ciência bárbara; nos nórdicos, era tida como uma degeneração latina; e, nos puritanos, como o Canadá e os Estados Unidos, foi designada como uma doutrina satânica (ROUDINESCO, 2000). No fim da Segunda Guerra, quando conseguiu se firmar nos mais diversos locais, continuou a ser duramente atacada. Se a primeira das acusações contra ela, a tese do pansexualismo, caía em desuso, o avanço da medicina prontamente colocou em primeiro plano os psicotrópicos. Já as críticas de que não era uma ciência, mas uma introspecção literária, logo ganharam o nome de cognitivismo (ROUDINESCO, 2000).

Embora muitas instituições psicanalíticas tenham surgido desde a Segunda Guerra, a língua da psicanálise vem se transformando em um idioma comum, falado por todos os praticantes do continente “psi” (ROUDINESCO, 2000). Os movimentos de ampliação e restrição no seu campo de atuação, bem como de prevalências teóricas, e até mesmo de concepções sobre o fazer psicanalítico, vão, eles próprios, inserindo-se dentro do campo do transitório, do passageiro, onde uma constante renovação vai dando lugar a algo que já não cabe mais ou que merece alteração. Constantemente, a psicanálise vai se construindo como uma história em que passado, presente e futuro contam novas realidades.

Em “A história do movimento psicanalítico”, Freud (1914) tentava instituir suas ideias ante às teorizações de Adler e Jung, denunciando as profundas divergências que a psicanálise suscitou desde os seus primórdios. Nesse escrito, fica exposto o quanto a história da psicanálise pode também ser encarada como uma

história das resistências à psicanálise. Freud esclarece, aí, que qualquer linha de investigação que reconheça a transferência e a resistência, tomando-as por ponto de partida para seu trabalho, tem direito a chamar-se psicanálise, ainda que chegando a diferentes resultados (FREUD, 1914). A afirmação mostra o quanto a psicanálise está aberta aos mais diversos modos de pensá-la, mas também que há duas premissas (a transferência e a resistência), das quais não se pode abrir mão em se tratando da prática psicanalítica.

Nesse sentido, o olhar atento para o fazer psicanalítico é a garantia de uma psicanálise cuja renovação e atualização sejam possíveis, mas que se mantenha coesa quanto a suas premissas fundamentais. Para Lacan, a melhor defesa para a psicanálise é submetê-la sistematicamente à própria análise, deixando-a incidir sobre si mesma para depurar sua própria especificidade discursiva (JORGE, 2009).

Se o contínuo pensar da psicanálise sobre si mesma é uma prática de salvaguarda, atualmente no Brasil esse olhar atento parece ser uma imposição. Primeiro, porque o crescente contingente de pessoas expostas à vulnerabilidade socioeconômica traz como consequência o mal-estar social, que se reflete em sofrimento psíquico nos seus mais diversos graus. Dificilmente nós, que diuturnamente escutamos esse sofrer, fiquemos alheios ao que se passa. Segundo, porque a própria psicanálise tem sentido o reflexo da perda de direção consequente do vazio existente no lugar de pai zeloso e orientador que bons líderes pretensamente deveriam ocupar, através das cada vez mais frequentes tentativas de regulamentação do nosso ofício, por parte da bancada religiosa, que é cada vez mais numerosa. Curiosamente, há muitos anos, Freud escreveu a Pfister questionando se este tinha percebido o elo secreto entre seus textos “A questão da análise leiga” e “O futuro de uma ilusão”: “No primeiro, eu quero proteger a análise dos médicos; no segundo, dos padres” (FREUD apud GAY, 1989, p. 477).

Na França, em 2004, a Lei nº 2004-806, relativa à saúde pública, regulamentou a psicanálise em seu artigo 52, posteriormente alterado em 10.08.2011. Através desse dispositivo, determina que o título de psicoterapeuta seja outorgado apenas aos inscritos em um registro nacional, reservando o acesso a esse registro, cumpridos alguns requisitos, apenas aos médicos, psicólogos e psicanalistas registrados nos anuários de determinadas associações.

No Brasil, o Projeto de Lei nº 174/17, de autoria do Sen. Telmário Mota (PTB/RR), coloca a psicanálise ao lado das terapias orientais⁶, das terapias não orientais ou ayurvédicas⁷, juntamente com as terapias psicopedagógicas⁸. O projeto, até a presente data ainda em tramitação, denuncia o quanto a psicanálise fica sujeita a ser enquadrada junto a outras práticas que não comungam de sua história e de sua seriedade em função do desconhecimento geral sobre de que se trata esse ofício.

Também do Sen. Telmário Mota, o Projeto de Lei nº 101/18 visa regulamentar a psicanálise – dessa vez sem incluí-la entre outras *terapias* –, com a justificativa de não haver qualquer fiscalização sobre essa prática. O Projeto estabelece que, para ser considerado psicanalista, o *profissional* deverá ter “curso superior de graduação em psicanálise ofertado por instituição de ensino superior no Brasil, ou por instituição de ensino superior no exterior desde que validado no Brasil”, “curso superior de graduação no Brasil ou no exterior, desde que validado no Brasil, com especialização em psicanálise ou ciência afim, nos termos do regulamento”,

6 Inclui: acupuntura, auriculopuntura e auriculoterapia, Tui-Na, Do-In, fitoterapia oriental, mochabustão, ventosaterapia, reflexologia, Qi Gong; quiropraxia, quiropatia, shiatsuterapia e Chi Kung), ayurvédica ou ayurveda (fitoterapia dietoterápica ayurvédica, procedimento manuais ayurvédicos, aromaterapia ayurvédica, hidroterapia ayurvédica, cromoterapia ayurvédica, gemoterapia ayurvédica, diagnóstico através de técnicas ayurvédicas, meditação ayurvédica, Yoga, astrologia ayurvédica, Pancha Karma; Tai-Chi-Chuan.

7 Inclui: aromaterapia, arteterapia, terapia floral, geoterapia, hidroterapia e terapias termiais, dietoterapia, cromoterapia, homeopatia, nosodiaterapia, terapia reichiana, fitoterapia, reiki, bioenergética, iridologia, macrobiótica, técnica Alexander, alimentoterapia, animaterapia, apometria, argiloterapia, arteterapia, aurasomaterapia,, apiteria, aromaterapia, bambuterapia, bioenergética, biodança, body talk, cinesoterapia, chacraterapia, coaching e mentoring, terapia crânio-sacral, cristaloterapia, cromoterapia quântica, dietoterapia, estética facial e corporal, eutonia, geobiologia, geoterapia, hemoterapia, hidroterapia, homeopatia, hipnose, iridologia, kiriliangrafia, laserterapia, leitura da aura, magnetoterapia, massoterapia, meditação, mio-facial, morfologia do sangue vivo, musicoterapia, terapia ortomolecular, osteopatia, podologia, pulsologia, radiestesia, radiônica, reflexologia, reiki, relaxamento, ressonância biofônica, rolfismo, shantala, regressão, terapia transpessoal, termal, terapia xamânica, trofoterapia.

8 Compreendem: psicanálise clínica, psicanálise didata, psicanálise infantil, psicanálise teológica, psicanálise cognitiva, psicossomática, psicanálise institucional, psicanálise hospitalar, psicopedagogia clínica, psicopedagogia institucional, psicopedagogia hospitalar, psicomotricidade, filosofia clínica, antroposofia, constelação familiar, hipnose clínica, hipnoterapia regressiva, access consciousness (barras de acesso à consciência), neurolinguística e programação neurolinguística, neuropatia, parapsicologia, pranoterapia, psicanálise, psicoterapia, psicossomática.

assegurando o exercício da *profissão* àqueles que possuem prévia formação em psicanálise, desde que comprovem o exercício da *profissão* por pelo menos três anos, até a data de entrada em vigor da Lei (caso, é claro, o Projeto seja transformado em Lei).

Some-se a esse contexto o fato de que a psicanálise, de maneira global, vem tentando se manter como uma *práxis* resistente a discursos cada vez mais dogmáticos e consumistas, que acreditam no poder das pílulas para resolver todas as mazelas, muitas vezes encobrendo questões psíquicas que poderiam ter melhor destino através de uma boa escuta profissional. De fato, a partir da década de 50, as substâncias químicas, que substituíram os criticados tratamentos de choque pela redoma medicamentosa, agora vêm sendo ofertadas como panaceia para todos os males. E, embora nunca tenham curado nenhuma doença mental, fabricaram um homem polido e sem humor (ROUDINESCO, 2000).

Por todo esse contexto, é importante que nós, como psicanalistas, ocupemos, impondo-nos tensionar ética e politicamente o saber psicanalítico, fazendo-o habitar espaços cada vez mais amplos. Poder alargar nossa prática para fora do *setting* tradicional tem como efeito não só ampliar o contingente que pode se beneficiar desse saber, mas também divulgar as especificidades dessa *práxis*, de modo mesmo a protegê-la. Ao estendê-la para além dos consultórios, aproximamo-nos de nossos precursores, pois foi dentro das instalações do Salpêtrière que a psicanálise germinou. Os primeiros atendimentos de Freud e de muitos outros psicanalistas foram feitos na casa dos pacientes. Os nossos precursores iam às ruas para fazer seus atendimentos.

De fato, afora as iniciativas individuais de alguns psicanalistas, é cada vez maior o número de instituições com algum projeto disposto a ampliar o uso da psicanálise para além do enquadre convencional. Nessa perspectiva, também a conotação social dada a muitas clínicas-escola tem sido um modo de enfrentamento de demandas de uma população que sofre, embora tenha pouca ou nenhuma condição financeira de arcar com um atendimento privado.

Algumas instituições têm também abraçado projetos de apoio a outras iniciativas, como é o caso do CEPdePA, que, há algum tempo, tem trabalhado conjuntamente com o projeto PESCAR, mantido pela Fundação Projeto Pes-

car desde 1995. O objetivo principal deste é promover o aprendizado a jovens de baixa renda para que tenham acesso ao mundo do trabalho. Para tanto, o projeto Pescar dedica 60% da sua carga horária para conteúdos relacionados ao desenvolvimento pessoal e à cidadania. Os outros 40% do curso são dedicados ao desenvolvimento de conhecimentos técnicos. Por se depararem com muitas demandas emocionais desses jovens, organizadores do projeto Pescar procuraram o CEPdePA intencionando formar uma parceria. Assim, iniciaram-se, em 2018, atendimentos individuais aos jovens que frequentavam o projeto Pescar.

Entre essas realizações, sejam institucionais ou independentes, muitas ideias têm sido propostas, com resultados bastante exitosos. Muitos são os trabalhos desenvolvidos por inúmeros psicanalistas e por pessoas que se ocupam da psicanálise, nos mais diversos contextos. Então, apenas para não deixar de mencionar alguns:

- a) Na França, em 1979, Françoise Dolto e sua equipe criaram a La Maison Verte⁹, um espaço de acolhimento e escuta de crianças de 0 a 4 anos, acompanhadas de seus parentes ou cuidadores. Através de um espaço em que todos os que chegam ficam juntos, sem hora marcada ou agendamentos, psicanalistas procuram promover, por meio do encontro, alguns dos benefícios da prática psicanalítica, através de um ambiente construtivo e de possíveis intervenções.
- b) No Rio de Janeiro, nos mesmos moldes, a Casa Amarela abriu as portas em 2001, desenvolvendo um trabalho exitoso em comunidades com alto índice de vulnerabilidade social no Rio de Janeiro.
- c) Promovendo um trabalho semelhante, a Casa dos Cata-Ventos é uma parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Instituto de Psicologia) e o Instituto APPOA (Instituto da Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Realiza um trabalho que “[...] se situa nas bordas da intervenção clínica, social e educativa, sem se tratar propriamente de nenhuma delas mas, certamente, balizado pela psicanálise.” (GAGEIRO et al., 2015, online).

9 Disponível em: <https://www.lamaisonverte.asso.fr/>

- d) Através de inúmeros pequenos projetos que tramitam entre um espaço e outro, a psicanálise também vai se inserindo em outros contextos. Em uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo, apenas para exemplificar, foram utilizados dispositivos de intervenção através de dois métodos de atuação. Um, denominado “Oficina de Descobertas”; outro, chamado “Grupo de Conversas”. Tratavam-se de dispositivos grupais que, construídos a partir do saber psicanalítico, tinham por objetivo amparar questões enunciadas ou manifestadas pelos estudantes. Psicanalistas voluntárias ocupavam-se desse trabalho. Os grupos funcionaram como “[...] modos de enlaçar uma palavra perdida, à deriva – que na infância é confrontada com a angústia das origens, e na adolescência com a possibilidade do encontro sexual [...]” (BRAGA; CATROLI; ROSA, 2011-2012, p. 38).
- e) Iniciando com o Projeto Psicanálise na Praça Roosevelt, em 2017, psicanalistas passaram a ocupar os espaços urbanos. Com isso, além de oferecer escutas gratuitas, dão novos contornos às cidades, que inauguram lugares de acolhimento e cuidado. Segundo os membros do coletivo da Praça Roosevelt, “A escuta na praça é uma aposta que busca romper com um uso utilitarista e consumista que se faz da vida na cidade, produzir fissuras nos modos hegemônicos de habitar o espaço urbano.” (COLETIVO..., 2018, online). Em outros municípios, projetos semelhantes têm ganhado corpo, incluindo-se neles o “Psicanálise na Praça”, coletivo criado em Porto Alegre, por iniciativa de colegas, com participação, até o presente momento, de membros do CEPdePA, da SIG/Sigmund Freud Associação Psicanalítica e da APPOA.
- f) O projeto Clínicas do Testemunho foi desenvolvido em 2013 concomitantemente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, visando à criação de núcleos de apoio, atenção e reparação psíquica a pessoas afetadas pela violência e por crimes da ditadura midiática, civil e militar brasileira. Tendo sua última edição em 2017, o projeto seguiu em consonância com o relatório final apresentado pela Comissão Nacional da Verdade, que, em suas 29 recomendações, aponta para a importância de se manter uma política

de reparação psíquica das vítimas do período ditatorial. No Rio Grande do Sul, o projeto foi encabeçado, inicialmente, pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre e, em sua última edição, passou a contar também com a APPOA – clínica, intervenção e pesquisa em psicanálise. Diversos psicanalistas participantes ou não das instituições coordenadoras desenvolveram os três eixos de atuação do projeto, sendo: atendimentos individuais e grupais; produção de insumos para subsidiar políticas públicas relacionadas às vítimas da ditadura; conversas públicas, que tiveram mais de mil participantes, assim como seminários que capacitaram mais de oitocentos agentes públicos que trabalham ligados ao campo da violência de Estado e à sociedade civil em geral (INSTITUTO APPOA, 2018).

Essas iniciativas são importantes não somente por permitirem uma outra escuta das demandas e dos desejos de uma parcela mais ampla da população, mas também pelos seus efeitos na própria psicanálise. A compreensão do sujeito a partir de um contexto é fundamental para que possamos pensar as manifestações inconscientes dentro dos mais diversos âmbitos. Afinal, a oposição entre a cultura e o pulsional está presente desde o início da obra freudiana, aparecendo desde o Rascunho N, na Carta que escreve para Fliess, em 31 de maio de 1897, afirmando, sobre o incesto, que “[...] a civilização consiste nessa renúncia progressiva.” (FREUD, 1897, p. 253). Em “A sexualidade na etiologia das neuroses”, o impasse entre natureza e cultura fica marcado, restando explícita a relação entre a renúncia ao pulsional, com os danos que a ela sobrevêm e a possibilidade de se viver dentro de uma sociedade com normas culturais estabelecidas (FREUD, 1898). Em outros textos freudianos, o conflito civilização e pulsão é enfatizado, especificamente em “Totem e Tabu” (1913), “Psicologia de grupo e análise do Eu” (1921), “O futuro de uma ilusão” (1927), e, finalmente, “O mal-estar na civilização” (1930 [1929]).

Portanto, um dos compromissos da psicanálise é estar atenta ao seu tempo social, já que os valores e as condutas prevalentes em cada período, sujeitos eles também ao transitório e ao passageiro, produzem diferentes reflexos no psiquismo. Logo, se no seu início a moral vitoriana produzia mulheres histéricas

conversivas em sociedades patriarcais, outros fenômenos podem ser gerados em circunstâncias diferentes: mais patologias narcísicas, por exemplo, se não houver mínimas condições de integração; ou mesmo mais melancolias, quando o futuro não proporciona esperança.

Freud sempre trabalhou firmemente atento às questões de sua época. Sensível, por exemplo, pôde observar os horrores da guerra e as consequências psíquicas do trauma vivido, sendo que assim ele pôde pensar a repetição e a pulsão de morte. Se estivesse vivo na atualidade, certamente questionar-se-ia sobre a etiologia dos sofrimentos contemporâneos. Suicídios cuja determinação vem *on line*, cortes corporais, as mais diferentes adições, exclusão e *bullying* são apenas alguns nomes para elencar os tormentos dos quais as maiores vítimas são os adolescentes. Por outra parte, temos também observado o desamparo de pais, cuidadores e professores para lidar com as mais diversas formas de padecer.

Tendo presente esse contexto, as três autoras deste escrito iniciaram um projeto denominado Espaçoção, almejando prestar apoio ao corpo docente de escolas carentes da Zona Sul de Porto Alegre, com base no atuar psicanalítico. O trabalho foi desenvolvido pensando a viabilidade do uso da psicanálise em outros espaços e levou em conta as demandas desse recorte territorial, bem como as nossas possibilidades de atuação.

Levar a psicanálise como uma possibilidade de intervenção em instituições presas a normas e controles externos e, conseqüentemente, adoecidas por todas as conseqüências que esse papel traz, é um meio ativo de ação e luta pelo social, que pode ter, em um terceiro capaz de uma escuta abstinente, a possibilidade de não repetição dos discursos ordinariamente circulantes. Não é a mudança do que se produz com a repetição o outro viés do que Freud escreveu em “Sobre a transitoriedade”? Se temos que abrir mão da beleza, elaborando nossos lutos para dar espaço à renovação, não nos cabe também procurar outros caminhos que não os da pulsão de morte e do automatismo? Na busca por novos meios de enfrentamento das dificuldades, o Espaçoção buscou, embasado em uma perspectiva que pensamos freudiana, sustentar a escola como um espaço onde se aprende a respeitar e conviver com o diferente, com a preservação da subjetividade de cada um, em vez de um local com um funcionamento narcísico.

Nesse contexto que tanto pode produzir adoecimento quanto inserção na cultura, o olhar psicanalítico pode fazer a diferença entre um e outro caminho. Se, para Freud, educar é tão impossível quanto curar, a psicanálise seria a via de acesso possível dos educadores às crianças, pois o único meio de lidarem com elas seria encarar sua própria sexualidade infantil (FREUD, 1925). Além disso, ao permitirem-se voltar seus olhares sobre si próprios, os educadores poderiam aprender a administrar melhor suas ambivalências, sem desmentir suas raivas, suas rivalidades com as famílias dos alunos, bem como suas onipotências. Afinal, uma escuta pode ajudar a não ter medo do que se sente, habilitando também o ego para lidar com as agressões externas.

Nesse sentido, as escolas das mais diferentes camadas sociais poderiam sempre se beneficiar com a presença desses espaços de reflexão e acolhimento sob a ética psicanalítica. Porém, tendo em vista o acréscimo de sofrimento psíquico acarretado por fatores de vulnerabilidade socioeconômica, o presente projeto iniciou com uma escola que atende a uma população menos favorecida socialmente.

Após um contato telefônico inicial, marcou-se uma entrevista com a direção de uma escola para falarmos do projeto. Reunimo-nos com a equipe diretiva que mostrou pronta aceitação e até mesmo uma certa *euforia* com a possibilidade da proposta. Nesse primeiro contato, vislumbramos imediatamente, no seu relato, como proposições importantes à psicanálise vinham circulando naquele contexto. Assim, por trás de diversos enunciados, escutávamos temas significativos para a psicanálise, tais como desamparo, inclusão/exclusão, rivalidades, impotência, privação, loucura, desejo.

Combinou-se um novo encontro com a diretoria. Mais uma vez, escutamos. Saímos com a combinação de fazermos um encontro mensal com o corpo docente do primeiro grau. Compreendemos a grande aceitação que tivemos nessa escola tanto pela ideia da diretoria de que teriam algum apoio externo quanto pelo desamparo do corpo docente face ao descaso e abandono das políticas públicas atuais relacionadas à educação, assim como pelo fato de estarem em um meio de muitas demandas e de grande vulnerabilidade. “Quantidades”... já nos falava Freud: quando a tensão aumenta, sobrevém o desprazer, que será sinalizado através da ansiedade (FREUD, 1926 [1925]).

Não que as questões psíquicas não estejam sempre presentes. Mas certamente fica mais difícil de lidar com elas quando as contingências são desfavoráveis, remetendo reiteradamente a conflitos e angústias com consequências psiquicamente relevantes. Retomemos a teoria freudiana quando propõe toda uma economia em que excessos de excitação devem ser descarregados a fim de deixar tolerável o nível de desprazer, pois afetos e estados de desejo são os resíduos das experiências de dor e de satisfação (FREUD, 1950 [1895]). A possibilidade de se encontrar novas vias de descarga através da fala é uma alternativa ao adoecimento, muito embora reconheçamos que, devido às nossas possibilidades, o que podemos oferecer é muito pouco frente às demandas desses profissionais.

A responsabilidade de ter que dar conta de uma população infantil com exigências e imposições muitas vezes impossíveis de serem atendidas remete a uma impotência que a todo momento faz aflorar a angústia de castração. E, já que estamos falando sobre a transitoriedade em vários aspectos, aqui também cabe denunciar o sentimento de luto vivenciado constantemente pelos profissionais dessa Escola: luto pelas crianças que eles próprios foram; pelo que tiveram e pelo que deixaram de ter; por tudo aquilo de que estão privadas as crianças que eles cuidam. E, por fim, luto pela imagem profissional que fizeram de si e que resta frustrada a cada dia. De fato, predomina o sentimento de colisão entre as exigências diversas que se impõem diariamente e as inúmeras limitações que o real guarda em si. O número ínfimo de auxiliares, havendo, naquela Escola, apenas uma pessoa que reveza o atendimento a todos do Ensino Fundamental 1, obriga os professores a exercerem papéis que não fazem parte de suas funções, como acompanhar crianças portadoras de necessidades especiais ao banheiro e higienizá-las, assim como separar brigas e conter alunos que são vistos como estando em “surto”.

Ao discorrer sobre “O interesse educacional da psicanálise”, Freud (1913) diz que educar é impossível, pois somente pode sondar a mente da criança aquele que entende a sua própria infância, que fica obscurecida pela amnésia infantil. Remete ao complexo de Édipo, ao narcisismo, à disposição para perversões, ao erotismo anal e à curiosidade sexual o abismo que separa nossos juízos de valor e os nossos “processos de pensamento”.

Subsequentemente às reuniões com o corpo diretivo, participamos, até o presente escrito, de três encontros grupais com o corpo docente. Como resultados, constatamos que, realmente, as temáticas apresentadas pelas professoras diziam respeito a questões que seriam mais facilmente vivenciadas se elas tivessem melhor contato com sua própria sexualidade infantil e todas as suas implicações no cotidiano de seu trabalho. Deveras, interrogações que iam desde a higiene dos alunos até as manifestações de desejos sexuais fizeram-se bastante presentes. Por outro viés, o fato de essas inquirições poderem circular tão prematuramente mostra-nos a força das resistências atuantes tanto quanto nos indica o quão benéfico seria poder ampará-las com base na psicanálise.

Em segundo lugar, apareceram questões narcisistas, que poderiam ser vistas sob vários ângulos. As interrogações sobre “o que pode um professor” apontavam a distância entre um ideal de professor e um professor ideal, remontando a um eu (vários, no caso) desejante e frustrado. Ainda, o desrespeito e a desobediência dos alunos, o descaso das famílias e a cobrança dos órgãos estatais pautaram dissonâncias identificatórias, onde os lugares de mães, professores, autoridades e crianças confundiam-se a todo momento.

Por fim, também as questões edípicas fizeram-se presentes. Às professoras, não bastava serem professoras: tinham que administrar famílias e terceiros, em relações nas quais a rivalidade, volta e meia, faz-se presente. Como fazer desse espaço, que tanto se presta à perversão, um lugar de construção e sublimação possíveis? Como produzir possibilidade de alteridade e reconhecimento de terceiros onde a facilidade tende para a imposição e o funcionamento narcísico?

Já nesses três primeiros encontros, constatamos uma alternância de papéis dentro do grupo. Com ela, veio a resistência provocada pelo medo suscitado em cada professor ao sair do seu lugar de conforto. A transferência do grupo conosco também mostrou movimento, passando de curiosa a levemente hostil por uma parte do grupo, ao passo que a outra parte – inicialmente mais calada – ficou mais à vontade conosco. Retomando o texto de Freud sobre “A história do movimento psicanalítico” (1914), não eram mesmo a resistência e a transferência os pressupostos *sine qua non* a partir dos quais o trabalho deveria se pautar para poder se falar em psicanálise?

Nossa (ainda) breve experiência na Escola nos mostrou o quanto a psicanálise tem espaço de atuação para além das paredes dos consultórios. A sede daquelas professoras por compreensão nos permitiu mostrar-lhes que uma escuta psicanalítica pode ser bem ampliada. Em mais de um momento, mostraram-se curiosas por esse outro discurso, por esse outro saber, que desconheciam. Manifestaram, inclusive, o desejo de “olharem para si mesmas”.

Por outro lado, para nós, a vivência também foi extremamente produtiva. A escuta, inserida dentro do ambiente da Escola, daquele grupo que ora expressava falas elaborativas, ora catárticas, certamente abre nosso olhar para muitas questões. Muitos questionamentos, dúvidas, e discussões foram geradas em nós. Em outras palavras, essa experiência nos tem posto a trabalhar: teórica e psiquicamente. Assim, damos continuidade ao trabalho investigativo e atento aos fenômenos sociais que caracterizou o fazer de tantos psicanalistas que nos precederam.

O texto escrito por Freud com o título “Sobre a transitoriedade”, em 1916, após fazer um passeio pelo campo em um dia ensolarado, faz uma reflexão não somente sobre as perdas e o luto, mas também sobre a continuidade e a descontinuidade dos fenômenos naturais ou humanos. A tristeza do jovem poeta que o acompanha é refutada pelo espírito firme de Freud, que, ao declarar quão efêmeras podem ser as coisas consideradas imutáveis, afirma: “Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes.” (FREUD, 1916 [1915], p. 319). Frente a esses tempos sombrios para a psicanálise no Brasil, também talvez nós possamos pensar em maneiras de recolocá-la ou de meramente apresentá-la a um povo sedento por formas de mitigar seu sofrimento.

Em todos os seus escritos, Freud dá mostras da sua determinação. A ética com a qual tratou a psicanálise, o cuidado com a transmissão, a lida com seus discípulos...tudo nos fala do caráter desse autor a quem tanto devemos. Há uma expressão que ele toma emprestada de Virgílio e que diz muito mais do que aparenta: *flectere si nequeo superos acheronta movebo*. O Acheronta é o rio dos infernos, levava em seu leito tudo aquilo ao qual queríamos cerrar os olhos. Freud utilizou-a na Interpretação dos Sonhos para falar da força do inconsciente. A expressão é também uma boa analogia ao trabalho do Mestre, e, por trás de seu

enunciado, também podemos ver a sua persistência quanto ao desenvolvimento da psicanálise. Mais ainda, essa frase pode ser símbolo da transferência do Freud com a própria psicanálise.

Se é na transitoriedade que está toda a beleza e a possibilidade de renovação, como não pensar na psicanálise derramando-se por outros espaços? Investir nas práticas psicanalíticas em toda sua amplitude é dar continuidade ao trabalho de Freud e de muitos outros que permitiram que a psicanálise chegasse até nós. Afinal, a transitoriedade indica que tudo que nos cerca, tudo que está aqui agora, todas as nossas referências e nossa realidade, não estarão aqui na manhã seguinte. Cada dia é um perpetuar do que restou de aproveitável ou possível do dia anterior. Não se renovar é manter a ilusão de que as coisas duram para sempre. A inserção da psicanálise de modo a contemplar parcelas mais amplas de uma população desassistida é uma das possibilidades para atualização das suas práticas, contribuindo para sua amplitude na defesa de sua ética a fim de que não seja tomada por regulamentações que desejam determinar seu rumo e futuro, o que equivaleria a acabar com ela, sem a possibilidade de atualização.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A. P. M.; CATROLI, V. S. C.; ROSA, M. D. Entre conversas e descobertas: dispositivos de intervenção diante das urgências de uma escola de São Paulo. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**: Psicanálise e intervenção, n. 41/42, jul. 2011/jun. 2012.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei N. 174, de 2017. PLS N. 174/17. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Terapeuta Naturista, nas modalidades medicina oriental, terapia ayurvédica, outras terapias naturais, e terapias psicanalíticas e psicopedagógicas. **Diário do Senado Federal**, n. 77, 2017.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei N. 101, de 2018. PLS N. 101/18. Dispõe que o exercício da profissão de psicanalista é livre em todo o território nacional, quais são os requisitos da profissão, suas competências e deveres. **Diário do Senado Federal**, n. 24, de 2018.

COLETIVO Psicanálise na Praça Roosevelt. Psicanálise na Praça Roosevelt: lugar de desejo e resistência. **Cultura no divã**: relações contemporâneas entre psicanálise e cultura, 10 set. 2018.

FRANÇA. Loi n° 2004-806 du 9 août 2004. Relative à la politique de santé publique. **Legifrance.gouv.fr**, 2004.

FREUD, S. (1897). A definição de “Santo”. *In*: MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

FREUD, S. (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1913). O interesse educacional da psicanálise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 13).

FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1916 [1915]). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1919 [1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 17).

FREUD, S. (1920). Dr. Anton Von Freund. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1925). Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 20).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 1).

GAGEIRO, A. M. *et al.* Casa dos cataventos: uma estratégia clínica e política na atenção à infância. **Correio APPOA**, n. 247, ago. 2015. Disponível em: http://www.apoa.com.br/correio/edicao/247/casa_dos_cata_ventos_uma_estrategia_clinica_e_politica_na_atencao_a_infancia/226. Acesso em: 24 jun. 2019.

GARRAFA, T. O lugar da supervisão na formação do analista. **Percursos**, São Paulo, ano 19, n. 36, p. 83-92, jan. 2006.

GAY, P. **Freud**: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Schwarcz, 1989.

INSTITUTO APPOA. **Relatório final de execução da segunda edição do projeto clínicas do testemunho RS**. Porto Alegre: APPOA, 2018.

JORGE, M. A. C. Apresentação: sob o signo da liberdade. *In*: ROUDINESCO, E. **Em defesa da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LA MAISON verte. Disponível em: <https://www.lamaisonverte.asso.fr/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Sobre un psicoanálisis atento a su tempo...

RESUMEN

Este trabajo fue producido a partir de reflexiones sobre la amplitud del actuar psicoanalítico. Partiendo de la fugacidad, que hace que los movimientos constantes renueven nuestras acciones, buscamos mirar el lugar social ocupado por el psicoanálisis, con el objetivo de tensar las posibilidades, expandiendo este oficio más allá de los consultorios. De esta manera, a partir de un proyecto en ejecución en una escuela en la zona sur de Porto Alegre, se buscó pensar en las implicaciones teóricas y prácticas de esta acción.

Palabras clave: Psicoanálisis. Escuela. Educación.